

**AGLOMERAÇÃO PRODUTIVA DA INDÚSTRIA DE CERÂMICA VERMELHA EM
CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ: ORIGEM, ESTRUTURA E DINÂMICAS
TERRITORIAIS**
**PRODUCTION AGGLOMERATION FROM THE RED CERAMIC INDUSTRY IN
CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ: ORIGIN, STRUCTURE AND TERRITORIAL
DYNAMICS**

Ana Carolina Carvalho Rangel de Oliveira Universidade
Federal Fluminense anacarolinarangel@id.uff.br

Leandro Bruno Santos Universidade
Federal Fluminense
leandrobruno@id.uff.br

Recebido em 02 de janeiro de 2021, Aceito em 19 de maio de 2021
<https://doi.org/10.26512/2236-56562021e40272>

Resumo

Nas últimas décadas, o processo de globalização econômica, propiciado pelos avanços da telemática e pelas políticas de abertura e desregulamentação dos mercados, desencadeou mudanças socioeconômicas profundas e novas formas de organização do espaço. A competitividade dos novos espaços industriais tem sido marcada por produção em menor escala, relações mais flexíveis, redes de cooperação, competição, articulação com entidades públicas e privadas. Este texto se propõe a analisar o processo de formação socioterritorial da aglomeração produtiva de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes-RJ, sua importância para a economia local e a dimensão espacial dos diferentes circuitos – produção, circulação, distribuição e consumo – dessa indústria. Os procedimentos incluem levantamento bibliográfico, levantamento de dados secundários em plataformas de dados e aplicação de entrevistas semiestruturadas. Nossos resultados mostram que a indústria de cerâmica vermelha se consolida após a crise do setor sucroalcooleiro e se torna a principal atividade da indústria de transformação, embora os empregos sejam de baixa remuneração e com pouca qualificação. Os circuitos espaciais produtivos apresentam escalas diferenciadas, com a mão de obra e argila existentes localmente, a lenha para a queima é oriunda do Espírito Santo e os principais destinos da produção são a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e a Região dos Lagos.

Palavras-chave: Aglomeração produtiva; dinâmicas territoriais; indústria de cerâmica vermelha; Campos dos Goytacazes.

Abstract

Over the last decades the process of economic globalisation, propitiated by the advances in telematics and by the market openness and deregulation policies, has unleashed deep socio-economic changes and new ways of organisation of space. The competitiveness of the new industrial areas has been marked by smaller-scale production, more flexible relationships, collaborative networks, competitiveness, co-action with public and private entities. The purpose of this text is to examine the process of socio-territorial formation of production agglomeration de red ceramics in Campos dos Goytacazes-RJ, its importance in the local economy and spatial dimension of different circuits – production, circulation, distribution and consumption – of this industry. The proceedings include bibliographic search, collection of secondary data in data platforms and the application of semi- structured interviews. Our findings show that the red ceramics industry is strengthened after the crisis in the sugar-alcohol sector and it becomes the core business of the manufacturing industry, although jobs are low-paid and under-qualified. Spatial production circuits are scaled differently with local labour and clay, the wood for burning is from Espírito Santo and the main destinations of production are the metropolitan region of Rio de Janeiro and the Lakes Region.

Keywords: Production agglomeration; territorial dynamics; red ceramics industry; Campos dos Goytacazes.

Introdução

O município de Campos dos Goytacazes, localizado ao Norte do Estado do Rio de Janeiro, foi fundado em 1835. A cidade sede é o principal centro urbano do Norte Fluminense e exerce uma influência sobre extensa hinterlândia. O declínio da economia açucareira, principal cultura na região desde o século XVII, exerceu grande influência na consolidação da indústria de cerâmica vermelha, que teve suas empresas fundadas a partir da segunda metade do século XX, incorporando grande parte da mão de obra advinda do açúcar, que era essencialmente de baixa escolaridade e com pouca ou nenhuma qualificação profissional.

Com a crise das usinas de açúcar na Baixada Campista, as terras argilosas passaram a ser utilizadas pelas indústrias cerâmicas, que assumiram um papel importante na geração de empregos, contratando, no auge da atividade, mais de 6 mil pessoas. Com a crise da atividade sucroalcooleira, muitos usineiros reorientaram suas ações no sentido de, em vez de utilizar as suas terras via exploração da superfície (das plantações de cana de açúcar), aproveitar a riqueza subsuperficial (através da extração da argila), carreando os investimentos para a produção cerâmica.

Diversos trabalhos foram realizados sobre a indústria de cerâmica vermelha em Campos, muitos deles vinculados à engenharia e administração, com enfoques a-espaciais. Souza, Eler e Arica (2003), por exemplo, estudaram o impacto provocado pelo processo de mudança tecnológica na dinâmica competitiva das empresas. Pithon, Brochado e Barbosa (2006) realizaram estudos sobre a importância da atuação em redes colaborativas entre as pequenas e médias empresas. Azevedo Filho e Ribeiro (2011) estudaram a governança e o seu papel no desenvolvimento da aglomeração produtiva, identificando as inter-relações entre empresas-empresas e empresas-instituições. Neste texto, nosso objetivo principal é compreender os principais fatores que levaram ao surgimento e consolidação da aglomeração produtiva de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes, a importância dessa indústria na dinâmica econômica local e regional, bem como a dimensão espacial dos diferentes circuitos – produção, circulação, distribuição e consumo – vinculados à produção da cerâmica.

A fim de atingir o objetivo proposto, adotamos como procedimentos metodológicos o levantamento e seleção bibliográficos sobre temas atinentes à proposta, utilizando materiais disponíveis na biblioteca e nos portais de revistas na internet. Os dados secundários foram levantados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobretudo PIB municipal, e na plataforma de dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais),

especialmente emprego formal, renda e estabelecimentos. Quanto aos dados de fontes primárias, aplicamos entrevistas semiestruturadas junto a instituições e organizações (Sindicato dos Ceramistas de Campos, Sebrae) e às empresas de atuação na indústria cerâmica. Nas empresas, usamos a amostragem não probabilística, por meio do uso da amostragem em bola de neve, em que um entrevistado passou o contato de outro.

O artigo está estruturado, além desta seção, em outras cinco partes, incluindo as considerações finais e as referências. Na primeira parte, abordamos o contexto histórico da formação social e econômica de Campos dos Goytacazes, com destaque para as transições dos seus diferentes ciclos econômicos. Em sequência, discutimos a temática da indústria e desenvolvimento regional, salientando a emergência das novas espacialidades industriais e as especificidades da aglomeração produtiva de cerâmica vermelha em Campos. Na terceira parte, analisamos a importância local e regional da aglomeração produtiva de cerâmica vermelha. Ao final, constam as considerações finais e as referências do trabalho.

Formação socioeconômica de Campos dos Goytacazes

O município de Campos dos Goytacazes está localizado no estado do Rio de Janeiro, na mesorregião Norte Fluminense, e ocupa uma área de 4.026,7 Km² (figura 1). É o maior município fluminense em extensão territorial. Segundo o Censo do IBGE (2010), Campos possuía 463.731 habitantes e exibia uma densidade demográfica de 115,16 habitantes por km². A população estimada para o ano de 2020, segundo o IBGE, é 511.168 pessoas. Atualmente, o município possui 106 bairros e 14 distritos.

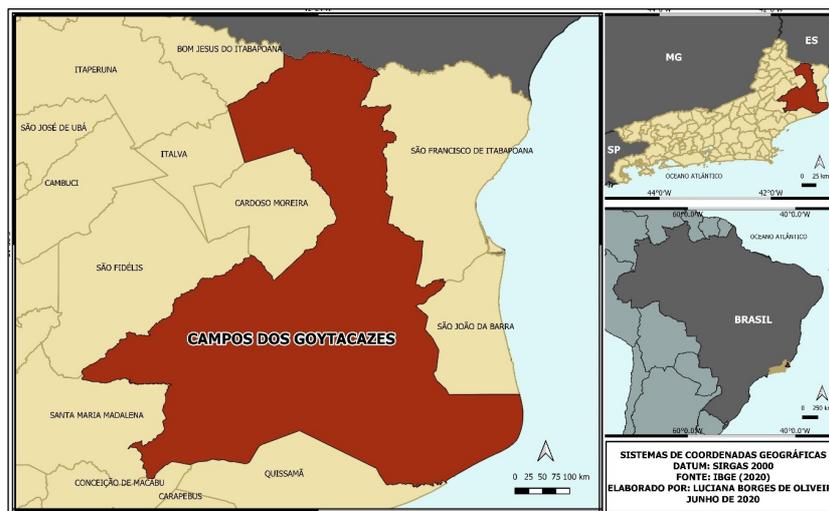


Figura 1 – Localização geográfica de Campos dos Goytacazes-RJ
Fonte: IBGE, 2020

O município foi, nos seus primórdios, concedido como uma sesmaria para os sete capitães (Miguel Aires Maldonado, Miguel Da Silva & Riscado, Antônio Pinto Pereira, João De Castilho, Gonçalo Correia De Sá, Manuel Correia e Duarte Correia) no ano de 1627 (LAMEGO, 1945). Contudo, foi apenas em 1632 que os Sete Capitães fizeram a primeira viagem para essas terras e iniciaram o processo de colonização por meio da introdução de currais e da criação de bovinos, resultando na criação da Vila de São Salvador, atualmente denominada Campos dos Goytacazes. Desde os primórdios, o município teve a sua base produtiva profundamente ligada à agropecuária e à agroindústria açucareira. No início do século XVII, a principal atividade econômica desenvolvida estava voltada para o ramo da pecuária e da agricultura de subsistência e a maior parte dos excedentes era exportada para a cidade do Rio de Janeiro. A pecuária ganhou destaque no município a ponto de tornar-se a principal atividade econômica do Norte Fluminense.

Na segunda metade do século XVII, com o incremento da demanda internacional pelo açúcar e a descoberta do clima e do solo favoráveis ao cultivo na região, houve grande impulso para que os engenhos de cana-de-açúcar começassem a se instalar em Campos e iniciassem um sistema de cultivo mais sistêmico. Contudo, é apenas no século XVIII que essa cultura passou a ter predominância na dinâmica econômica do município, ultrapassando a pecuária e tornando-se a principal atividade da economia da planície (SILVA & CARVALHO, 2004). Os dados disponíveis indicam que, no ano de 1785, Campos possuía 236 engenhos, 9 engenhocas e 218 currais, sustentados por 12.085 escravos, além de 53.672 cabeças de gado (OSCAR, 1985, p. 48).

As características das relações sociais de produção que estruturavam a atividade açucareira no período colonial nos permitem entender o caráter de acumulação de capital bem restrito na economia campista, embora fosse uma produção voltada para a exportação. Silva; Carvalho (2004) salientam que, juntamente com esse modo de produção mercantil exportador, surgiu uma hierarquia social com a aristocracia rural no topo, composta pelos senhores de engenho ou barões do açúcar, seguida pela burguesia mercantil responsável por tudo que estava ligado ao comércio do açúcar, como: intermediações comerciais e financeiras do Norte Fluminense com as demais regiões, tráfico de escravos, comércio de produtos de necessidades básicas e empréstimos financeiros aos senhores de engenho. O clero era possuidor de grandes propriedades de terra e também grande produtor de açúcar. Por fim, os negros, os índios e os mestiços eram a mão de obra utilizada em todo o processo produtivo.

Fica evidente, nesse período e forma de organizao da produo, a presença de uma estrutura estratificada, elitista, escravagista e acumuladora, que revela as características de uma sociedade colonial em torno da produo açucareira.

[...] a prosperidade econmica da cana se construía de forma intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de uma sociabilidade verticalizada, patriarcal e marcada por códigos de honra, prestígio e por lealdades assimétricas, dada a centralidade da figura do senhor de engenho ou usineiro e dos recursos que dominavam (SMIDERLE, 2010, p. 36).

No final do século XIX, observa-se a introduo de novos métodos e técnicas de produo nos engenhos de açucar, culminando no desaparecimento dos engenhos a traço e na ascensão dos engenhos a vapor. Estes foram transformados em engenhos centrais para moer apenas cana de açucar. No início do século XX, com a disseminao da industrializao da produo do açucar, surgiram as usinas (27 ao todo), as quais utilizavam equipamentos mais modernos e produziam açucar em larga escala, mudando a figura do “senhor de engenho” para usineiros, não mais dono de escravos, mas de latifúndios e fábricas com altíssima capacidade de produo em comparao aos engenhos e engenhocas. Houve um aumento da capacidade de produo do Norte Fluminense, que se tornou capaz de competir com São Paulo e Nordeste,  época com maiores índices de produo (SILVA & CARVALHO, 2004).

Após esse auge de produo e exportao apresentado pela indústria açucareira, a partir de meados do século XIX se consolida um novo momento, marcado pela deteriorao e pela estagnao econmica no Norte Fluminense. Este momento pode ser mais bem compreendido a partir de quatro fatores: a abolio da escravatura¹, a desagregao do espaço territorial de Campos dos Goytacazes², o ciclo do café e da economia do Rio de Janeiro³ e, por último, a perda de competitividade da agroindústria açucareira do Norte Fluminense frente a São Paulo. Apesar da economia do Norte Fluminense ter entrado em declínio no final do século XIX, refletindo a desestruturao do sistema produtivo com base na mão de obra escrava, verificamos a emergência, nos primeiros anos do século XX, da indústria sucroalcooleira com novas relaoes de produo, agora capitalistas (SILVA; CARVALHO,

¹ A abolio da escravatura ocasionou uma desestruturao de todo o sistema, pois Campos dos Goytacazes era um dos principais núcleos escravocratas do país.

² No início do século XIX, Campos dos Goytacazes compreendia todo o território que se define, atualmente, como as Regioes Norte e Noroeste Fluminenses. Com as emancipaoes, surgiram Macaé (1845), São João da Barra (1850), São Fidelis (1870) e Itaperuna (1889) (SILVA & CARVALHO, 2004).

³ Com a criao de uma política que incentivava a exportao apenas do café de boa qualidade, o Norte Fluminense se viu em decadência, uma vez que produzia café de qualidade inferior e inapropriado para a exportao.

2004). A crise econômica mundial de 1929 foi um marco na retração do consumo de açúcar no mundo e afetou o escoamento da produção do Norte Fluminense.

Segundo Smiderle (2010), para estabilizar a economia pós-crise de 1929, foi criado o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) em 1933. Este instituto estabeleceu cotas de produção para cada região, controlou a abertura de novos investimentos, centralizou os subsídios para o setor sucroalcooleiro, ofereceu crédito com juros baixos e longos prazos de pagamento e organizou a compra de 10% da produção visando formar um estoque e estabilizar o preço do produto. Com essas medidas, Campos dos Goytacazes assumiu o posto de maior produtor de açúcar do Brasil⁴. O IAA criou a política que permitia a mistura do álcool à gasolina visando sustentar um mercado em crescimento.

Segundo Silva; Carvalho (2004), na segunda metade da década de 1970, o Programa Brasileiro de Alcool (Proálcool) contribuiu para o auge da produção açucareira e alcooleira. Este programa consistia em estimular a produção de álcool, visando introduzir a produção e o consumo do produto como combustível alternativo ao petróleo. Após esse outro auge, a indústria sucroalcooleira entrou em colapso nos anos 1980 e 1990, levando ao fechamento de inúmeras usinas e ao aumento do desemprego. A economia campista foi totalmente impactada com esse colapso, pois as usinas eram o principal motor da dinâmica econômica local e regional.

Deve-se destacar que, das 17 usinas existentes até 1990 no Norte Fluminense, a maioria deixou de existir poucos anos depois. Nessa região, as mudanças técnicas foram significativas no final dos anos 1970 e nos anos 1980. Entretanto, é importante ressaltar que tais mudanças foram inseridas em um parque açucareiro com mais de 100 anos, com uma estrutura muito antiga, e limitaram-se à reforma das usinas, sem afetar a parte agrícola – e deve-se levar em conta que a região era pouco capitalizada (BERNARDES, 2014, p. 13).

A partir de finais dos anos 1980, o Norte Fluminense, especialmente Campos dos Goytacazes, passou a receber os royalties da exploração do petróleo na Bacia de Campos. Nos anos 1990, com o aumento exponencial da exploração e o crescimento das participações especiais, o município recebeu um acréscimo significativo dos royalties em seu orçamento. O Produto Interno Bruto (PIB) do município totalizou, em 2018, R\$ 32,3 bilhões. O valor adicionado bruto corrente foi de R\$ 16,1 bilhões na indústria, R\$ 11,1 bilhões no comércio e serviços, R\$ 3,9 bilhões na administração pública e R\$ 172 milhões na agropecuária. A maior

⁴ No ano de 1935, Campos se tornou o maior produtor de açúcar do país e da América Latina, sendo responsável por 90% da produção estadual e 14,3% da produção nacional, com uma produção de 2 milhões de sacos de açúcar e 7 milhões de litros de álcool (SMIDERLE, 2010).

importância da indústria tem a ver com a exploração de petróleo, cujas receitas são contabilizadas como setor secundário.

Segundo o Perfil Campos (2018), a dinâmica econômica municipal tem sido baseada no setor de comércio e serviços.

No município de Campos dos Goytacazes, vem se observando uma tendência de expansão do setor terciário ao longo das últimas décadas. O enfraquecimento do setor primário, principalmente devido à crise do setor sucroalcooleiro, e o pequeno dinamismo do setor secundário, devido à inexistência de uma sólida base industrial no município, contrastam com o rápido crescimento do setor terciário, nos segmentos de serviços e comércio. Esses setores têm sido responsáveis pela geração da maior parte dos empregos no município (PERFIL CAMPOS, 2018, p. 206).

Atualmente, a atividade econômica de cana de açúcar, apesar de existente com a operação de três usinas, perdeu relevância na dinâmica econômica e na estrutura produtiva local. Os impactos promovidos pela atividade petrolífera não somente no município, mas também em todo o estado do Rio de Janeiro, alteraram a dinâmica econômica e espacial dos municípios fluminenses, particularmente do Norte do estado. Podemos perceber essa mudança a partir da própria dinâmica populacional que, no Censo Demográfico de 2010, apontou 418.725 pessoas residindo na área urbana e 45.006 na área rural de Campos dos Goytacazes, ou seja, a população rural representou 9,7% do total, sendo inferior aos 16,6% do censo de 1991 (tabela 1).

Tabela 1 - População residente em Campos dos Goytacazes-RJ (1970-2010)

Nível territorial	1970		1980		1991		2000		2010	
	Total	%								
Urbana	176.082	55,23	203.358	58,35	324.667	83,44	364.177	89,48	418.725	90,29
Rural	142.724	44,77	145.184	41,65	64.442	16,56	42.812	10,52	45.006	9,71
Total	318.806	100	348.542	100	389.109	100	406.989	100	463.731	100

Fonte: SIDRA/IBGE – Censo Demográfico.

O declínio da economia açucareira exerceu, ainda, uma influência na indústria de cerâmica vermelha, na medida em que esta atividade surgiu também como alternativa econômica para região. As empresas cerâmicas foram fundadas a partir da segunda metade do século XX, incorporando grande parte da mão de obra advinda do açúcar. Com a crise das usinas de açúcar na Baixada Campista, muitos usineiros, percebendo que o que estava sobre a terra não era tão rentável, voltaram-se para o que estava embaixo dela. Houve, assim, uma metamorfose de parte da elite econômica açucareira, que reorientou seus investimentos do cultivo da cana para a exploração e beneficiamento da argila de suas terras. A urbanização

conhecida pelo município e pelo estado, entre os anos 1970 e 1990, também agiu como fator importante para a consolidação e expansão dessa atividade.

As terras argilosas da baixada campista passaram a ser utilizadas pelas indústrias cerâmicas, que assumiram um papel importante na geração de empregos na indústria de transformação, tornando-se responsáveis pela geração de em torno de 6 mil pessoas, direta e indiretamente, na produção de lajotas para lajes, tijolos e telhas no município de Campos dos Goytacazes. A formação dessa aglomeração produtiva na baixada campista teve a ver tanto com a abundância de matéria-prima para os produtos cerâmicos, graças à existência de sedimentos argilosos com características muito propícias à produção da cerâmica vermelha (RAMOS, ALVES & ALEXANDRE, 2006), quanto com a oferta abundante de mão de obra barata e de baixa qualificação dispensada pelas usinas de açúcar.

Atualmente, a indústria de fabricação de produtos de minerais não metálicos, dentro da qual se insere a indústria de cerâmica vermelha, compreende em torno de 40% de todos os estabelecimentos da indústria de transformação no município, seguida pela indústria de produtos alimentícios, com 19%. Quanto ao emprego formal, a indústria de produtos alimentícios perfaz 23% dos empregos na indústria de transformação, enquanto a indústria de cerâmica vermelha representa em torno de 50%, perfazendo a metade dos empregos formais na indústria em Campos dos Goytacazes (OLIVEIRA, 2020). Trata-se, portanto, de uma atividade econômica importante na dinâmica econômica e regional, isso sem considerar os seus impactos indiretos na geração de emprego e renda.

Indústria e dinâmicas territoriais

A partir da década de 1970, observamos uma virada no modo capitalista de produção, também denominada de reestruturação produtiva, quando o fordismo entra em crise e assistimos ao surgimento de outro modo de regulação, acumulação, produção e consumo, denominado de diferentes maneiras como pós fordismo, acumulação flexível e toyotismo (HARVEY, 2006). Esse momento é um marco histórico repleto de inúmeros outros acontecimentos, guerras, revoltas e crises econômicas, enfim, temos um fervilhar de transformações que marcam uma transição histórica importante em finais do século XX. E isso obviamente também marca o surgimento de organizações e de agências de novos atores no bojo desses novos processos e dinâmicas capitalistas.

A flexibilidade é a principal característica desse novo modelo de desenvolvimento capitalista, que tem como marca não só a mudança na maneira de produzir produtos, mas também uma nova forma de consumir, se comportar, trabalhar, gerenciar o trabalho, uma

nova forma de governabilidade. Seguindo os pressupostos da escola da regulação, estaríamos diante de um novo modelo de acumulação, marcado por novos modos de regulamentação (papel do estado e sua atuação nas demais instâncias) e novo modo de acumulação (novas formas de produzir, consumir etc.)

A partir da década de 1970, a globalização se intensifica, ou seja, se pode notar uma grande troca de informações, capitais, bens e serviços e também maior deslocamento de pessoas, os fluxos se tornam mundiais, uma nova lógica começa a ser inaugurada. A esse respeito, Santos (2008) afirma que a globalização é o ápice do processo de internacionalização capitalista e sua compreensão exige que consideremos o estado das técnicas e da política, na medida em que a configuração de um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação, em finais do século XX, e as ações políticas que asseguraram a emergência do mercado dito global foram os principais fatores por trás da configuração da globalização.

Segundo Benko (1996), a partir da década de 1970, temos a aceleração das mudanças tecnológicas e a emergência de novas atividades econômicas cujas lógicas espaciais são pouco conhecidas, revelando as dificuldades das teorias clássicas da localização das atividades econômicas. É nesse contexto que surgem vários conceitos para entender a lógica industrial e sua organização territorial. Benko (1996) sintetiza essas abordagens como sendo perspectivas parciais – ênfase nos fatores de localização exógenos, ciclo de vida e meio inovador - e perspectiva geral, sendo esta última uma tentativa de unificação da organização industrial e das teorias da localização.

As perspectivas parciais tratam a questão da localização das empresas em determinado lugar, procurando elencar uma série de fatores específicos, mas sem propor uma teoria geral, uma causalidade subjacente aos diferentes casos. Por essa razão, os trabalhos tendem a focar na ampla oferta de mão de obra e matéria prima, nos incentivos políticos e na pesquisa, nos atrativos da paisagem (alojamento, infraestrutura cultural e de ensino, segurança), na oferta de infraestrutura (rodovias, aeroporto), nos serviços e clima político e de negócios (consultores, capital de risco), nas economias de aglomeração (proximidades da metrópole, redes e contatos, custo-benefício no uso da infraestrutura, *spin-offs*), entre outros fatores.

Os estudos se intensificaram sob diferentes formas em torno da economia territorial e as espacialidades industriais diversas, em diferentes formações sociais e econômicas, têm sido interpretadas sob a ótica do desenvolvimento local, meios inovadores, distritos industriais, sistemas produtivos localizados etc. No bojo desses trabalhos, amplamente influenciados pelo institucionalismo e pelo evolucionismo (MARTIN, 1994), emergem debates teóricos em torno

dos custos das transações, redes, governança, convenções, instituições e pós-fordismo. A paisagem econômica é também um mecanismo de regulação, um caso paradigmático de governança territorial local.

Todos os trabalhos convergem para o fato que vivemos sob uma nova lógica territorial baseada na competitividade e no grau/capacidade de articulação no espaço das redes, em que as regiões ganhadoras são as grandes áreas urbanas e as emergentes, espaços com indústrias inovadoras, alto conteúdo tecnológico ou tradicionais (CARAVACA, 1998). Para Caravaca (1998), o meio, o entorno e o território passam a ser vistos como recursos e competitivos, ganhando maior importância para além dos fatores produtivos.

As novas lógicas locacionais dos capitais propiciadas pelas mudanças técnicas e políticas têm provocado transformações territoriais, sob a forma de desconcentração da atividade industrial e centralização do comando, desintegração vertical e formação de redes horizontais ou quase integração vertical (CHESNAIS, 1996), automação flexível etc. As estratégias locacionais são guiadas não apenas pelos supostos neoclássicos de custos de produção, mas também, e principalmente, pelas virtualidades do território, visto como ativo e dinâmico.

Com as grandes transformações nas dinâmicas econômicas e espaciais, graças principalmente ao ressurgimento da dimensão espacial nas diferentes abordagens econômicas e ao enfraquecimento do pensamento que empresas são contextualizadas em setores, complexos e cadeias industriais, percebe-se o fortalecimento de um cenário para a formação de pequenas e médias empresas, pois as sinergias coletivas fortalecem as chances de sobrevivência e crescimento.

Na busca de um melhor entendimento sobre os fatores subjacentes ao melhor desempenho competitivo das empresas, verifica-se uma crescente convergência de visões entre as diversas escolas de pensamento. O foco de análise deixa de centrar-se exclusivamente na empresa individual e passa a incidir sobre as relações entre as empresas e entre estas e as demais instituições dentro de um espaço geograficamente definido, além da análise das características do ambiente onde estas se inserem. Esse foco passa a orientar as novas formas de intervenção do Estado no que se refere à promoção da política industrial e tecnológica (LASTRES, CASSIOLATO & MACIEL, 2003).

Benko; Pecqueur (2001), baseando-se nos modelos de aglomeração produtiva de pequenas empresas em sistemas produtivos territorializados europeus, afirmam ser imperiosa a necessidade, atualmente, de considerar o papel dos fatores locais nas dinâmicas econômicas e territoriais. Para eles, “os fatores decisivos de localização estão fora do mercado (não

quantificáveis), e os elementos qualitativos específicos de um lugar determinam as escolhas das empresas” (BENKO & PECQUEUR, 2001, p. 39). Assim, por trás da competitividade dos territórios, fatores como a proximidade entre os agentes locais, as capacidades de negociação entre capital e trabalho e entre empresas e poder público são extremamente importantes.

Diversas proposições têm sido feitas nas últimas décadas a respeito desses novos espaços industriais, tais como tecnopolos, distritos industriais, sistemas produtivos locais, clusters, entre outros. Quanto ao conceito de tecnopolos, Benko afirma:

O remédio mudou de nome, ouve-se em todos os lábios tecnopolos, mas na realidade este se integra na definição já antiga de polo de desenvolvimento, que é um aglomerado de empresas inovadoras, dinâmicas, motrizes e em eu o investimento nas empresas mais rentáveis (em renda per capita e emprego) teria efeitos importantes em toda a economia regional (BENKO, 1996, p.153).

Caravaca (1998), a respeito dos tecnopolos⁵ e dos parques tecnológicos, afirma que tais espaços produtivos estão ligados a novas tecnologias, sendo que o território é apenas suporte dessas atividades, apresentando poucas inter-relações entre agentes, instituições e organizações etc. Segundo a autora, trata-se de espaços planejados para potencializar a produção e a difusão de inovações, daí a importância das políticas estatais na atração de empresas inovadoras, na criação de infraestrutura social e econômica propícia à inovação.

Os distritos industriais⁶ têm a ver, segundo Caravaca (1998), com os processos de desconcentração industrial e especialização flexível, processos estes que impactaram diretamente nas relações intra e inter-empresas, levando à redução das fábricas e ao aprofundamento de novas formas organizacionais (empresas-rede e empresas em rede, por exemplo). Os distritos industriais contam com a presença de iniciativas locais ou estrangeiras (às vezes) e são marcados por crescentes vínculos entre empresas e instituições, tendendo a exibir uma elevada concentração de Pequenas e Médias Empresas (PMES) especializadas, maior divisão interempresarial do trabalho, mobilidade do trabalho, associações e cooperação-competição entre os capitais. Os segmentos produtivos são aqueles da indústria tradicional e podem ser encontradas maior ou menor ênfase na inovação de processos e produtos.

⁵ De inspiração neo-schumpeteriana, essa abordagem aposta na aglomeração de empresas como um fator importante para a geração de inovações (ferramentas, processos e produtos) em segmentos de cadeias produtivas territorializadas, funcionando como “regiões” estratégicas da difusão inovadora para todo o tecido industrial regional e nacional.

⁶ De inspiração *marshalliana*, inicialmente ligada a autores italianos como Becattini, Garofoli, Brusco, Bagnasco, essa perspectiva atribui o sucesso de segmentos da indústria italianos localizados no nordeste do país às forças aglomerativas criadas pela concentração de pequenas empresas e à construção social e cultural do saber-fazer local, enraizados em determinadas atividades industriais semiartesaniais.

Segundo Benko; Pecqueur (2001), os distritos industriais dependem das relações entre os atores locais (empresas, municipalidades, universidades, centros de pesquisa, sindicatos) e podem desempenhar um papel determinante na competitividade de certas atividades e serviços.

Os distritos industriais - um conceito introduzido no debate do século pelo economista britânico Alfred Marshall - estão agora de retorno, tanto na realidade empírica como nas análises. Esses lugares têm uma característica interna, "uma personalidade regional", como dizia antigamente Vidal de La Blache, um dos pais da geografia francesa (BENKO & PECQUEUR, 2001, p. 36).

A partir dos anos 1990, o distrito industrial italiano, exemplo na literatura do modelo marshalliano, começou a apresentar mudanças na sua dinâmica de funcionamento. A cooperação deu lugar a formas de contratualização entre firmas, ao aprofundamento em produtos de baixa qualidade, a criação de firmas líderes e ao emprego de mão de obra pouco qualificada. Muitas das empresas pequenas e médias se tornaram grandes corporações e iniciaram a subcontratação de outras empresas, especialmente no leste da Europa, para aproveitar as facilidades da integração regional e os custos de trabalho mais favoráveis.

Outra espacialidade emergente bastante estudada tem sido os eixos de desenvolvimento ou crescimento, que são, na verdade, espaços dinâmicos conformados ao longo de vias de comunicação que unem as principais aglomerações urbanas, onde as empresas se instalam a fim de acessar a infraestruturas e serviços, os fornecedores e clientes etc. Segundo Hernandez (1998, p. 33), o eixo de desenvolvimento constitui uma entidade econômica-espacial formada por “cadeia de núcleos urbanos, de diferentes tamanhos, situados ao longo de uma via de transporte de alta capacidade que estimula a localização industrial e facilita o estabelecimento de relações funcionais internas” (HERNANDEZ, 1998, p. 33).

Já o enfoque da estratégia de *cluster*⁷ segue uma tendência porteriana (PORTER, 1999) e se situa entre a literatura de organização industrial e o desenvolvimento regional, mostrando que a mera análise setorial não tem a capacidade de abarcar a complexidade dos fenômenos que envolvem a dinâmica industrial. A análise de clusters tenta abarcar os elementos estruturais e sistêmicos da aglomeração, a rivalidade entre as firmas e quais os fatores internos que afetam a competitividade dos agentes (sociais, políticos, econômicos ou institucionais).

⁷ Sob influência de Michael Porter, especialmente da ideia de vantagens competitivas e fatores de competitividade, essa perspectiva considera que elementos como a proximidade do mercado consumidor, o acesso a recursos e infraestrutura e a organização político-institucional poderiam ser catalisados em aglomerados de empresas consorciadas em associações representativas e no apoio estatal.

A partir dessa nova lógica de organização da produção e da proposição de novos conceitos emerge, segundo Fuini (2013), a discussão sobre arranjos produtivos locais (APLs) que, no Brasil, advêm de três matrizes principais bastante exploradas como alternativas de organização mais flexíveis do espaço industrial pós-fordista: a abordagem sobre distritos industriais italianos, a abordagem de clusters e as abordagens sobre meios inovadores, sistemas locais de inovação e tecnopolos. Para Fuini:

Os Arranjos Produtivos Locais (APLs) surgiram, como conceito e ferramenta de política industrial de desenvolvimento, em um esforço teórico para se compreender os modelos de aglomerações produtivas de pequenas empresas e sistemas produtivos territorializados, como os Distritos Industriais italianos (BECATTINI, 1994) e os *Clusters* industriais (PORTER, 1999), à luz da realidade brasileira. Trata-se também de uma medida de ação governamental de estímulo ao desenvolvimento econômico territorial das localidades, combinando a reativação de economias de aglomeração com o suporte das vocações regionais (FUINI, 2013, p.1)

A denominada “especialização flexível”, que está presente em todas as abordagens tratadas anteriormente, emergiu após o processo de reestruturação produtiva nos anos 1970. Esse processo favoreceu amplamente a expansão de pequenas e médias empresas, as quais se adaptaram a demandas oscilantes e ao dinamismo das inovações e se transformaram em organizações importantes neste novo modelo industrial. Em todas as abordagens é comum a ênfase na cooperação e na interação entre agentes econômicos, instituições e organizações.

Do ponto de vista geográfico, os APL podem ser designados como concentração de empresas, principalmente de pequeno porte e com atuação no mesmo ramo econômico, que se encontram em interação entre si e com os demais agentes privados e públicos. Os APL assumiram importância na agenda pública no ano de 2004, quando foram oficializados pelo governo federal como política de estímulo ao incremento da competitividade de pequenas e médias empresas. Segundo Fuini,

O SEBRAE, por exemplo, já identificou vários APLs potenciais e consolidados, configurando um verdadeiro “mosaico de regiões” produtivas imersas na economia nacional. Esses aglomerados estão associados a uma ampla gama de segmentos de atividades industriais e agroindustriais diversificadas, destacando, dentre outros segmentos: o têxtil/confecções (bordados, cama-mesa-banho, malhas, etc.), a cerâmica (vermelha e de revestimento), o coureiro-calçadista (infantis, esportivos, masculino e feminino), móveis, metal-mecânico (FUINI, 2013, p.72).

Para Fuini (2013), existem APLs em diferentes estágios de coordenação produtiva e institucional, refletindo cada qual o nível econômico e tecnológico adequado ao seu contexto regional e setorial. Desse modo, podem-se constituir três tipos de arranjos em ambientes

periféricos: a situação de aglomeração; o arranjo potencial e, em nível de maior maturidade, a noção de Arranjo Produtivo Local. Segundo essa tipologia, poderíamos classificar as indústrias de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes como uma aglomeração produtiva informal, ou seja, o estágio zero do APL. A partir de trabalhos de campos nos estabelecimentos e no sindicato patronal, observamos uma ineficiência e a falta de governança, em que o trabalho precário e barato é o principal regulador dos preços.

Na indústria de cerâmica em Campos, não podemos dizer que exista um distrito industrial, mais sim um detrito industrial, ideia proposta por Caravaca (1996) para a leitura das espacialidades emergentes com problemas e contradições, pois a lógica exercida dentro dessa indústria é perversa, haja vista a grande presença da precariedade e da informalidade. Os empregos formais gerados são mal remunerados, constituídos por trabalhadores com baixa qualificação profissional e baixa instrução. Entendemos que o aglomerado produtivo de empresas produtoras de cerâmica vermelha em Campos, cuja localização está concentrada na “baixada campista”, constitui-se em uma entidade sócio-territorial caracterizada pela presença ativa de uma comunidade de empresas em um determinado espaço geográfico (BENKO & LIPIETZ, 1994), tendo em vista a alta concentração de empresas e estabelecimentos, marcadas por uma fraca inter-relação entre elas e com demais instituições públicas e privadas.

Aglomeração produtiva de cerâmica vermelha em Campos

No município de Campos dos Goytacazes, os dados da RAIS indicam a existência, para o ano de 2019, de cerca de 119 estabelecimentos industriais produtores de bens cerâmicos. Estes estabelecimentos estão localizados, em sua maior parte, na “região” da baixada campista, à margem direita do Rio Paraíba do Sul e ao longo da estrada RJ-216, onde ocorre a formação de uma aglomeração produtiva importante na produção de telhas e tijolos que atende o mercado local e estadual (Figura 2). Os fatores favoráveis à formação da aglomeração são a presença de alguns requisitos, como localização geográfica próxima das empresas e operações voltadas para a mesma atividade produtiva – a indústria cerâmica (AZEVEDO FILHO & RIBEIRO, 2011).

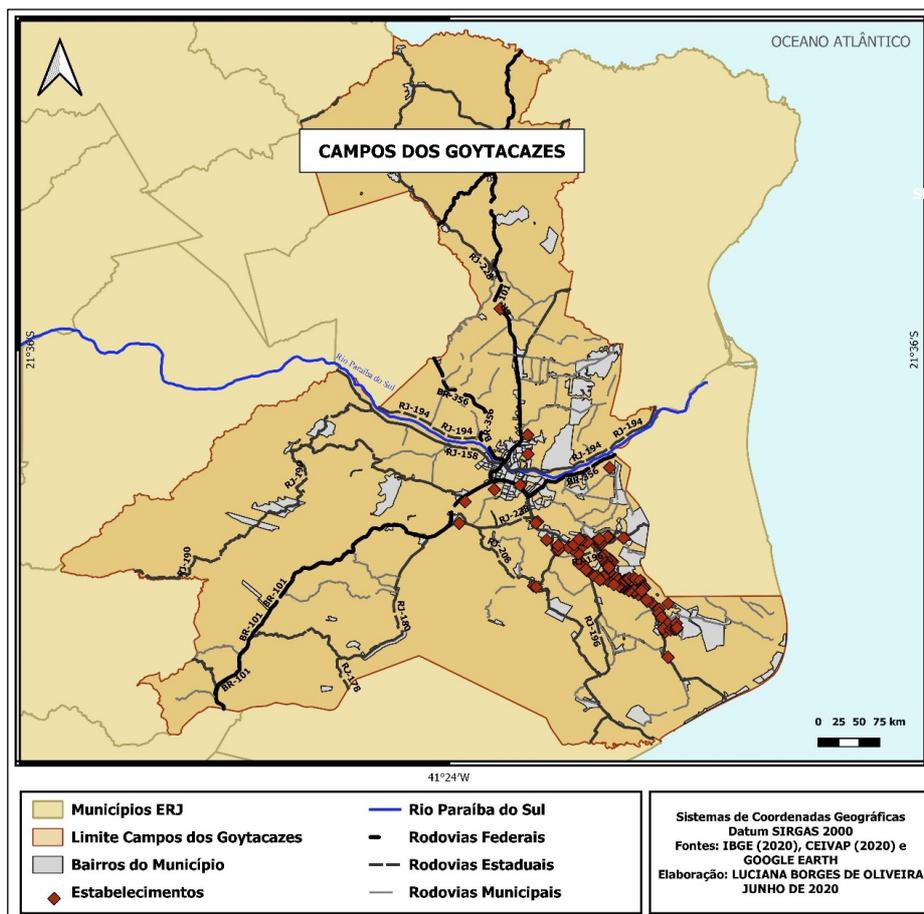


Figura 2 – Localização geográfica dos estabelecimentos cerâmicos campistas
 Fonte: IBGE, 2020.

Quanto à geração de empregos e ao número de estabelecimentos na indústria de transformação, a indústria de cerâmica vermelha é uma das principais atividades econômicas no município, superando, inclusive, a indústria açucareira, que está presente desde o século XVII na paisagem campista. A aglomeração produtiva de cerâmica vermelha teve seu auge em número de estabelecimentos em 2012, à época com 129 em funcionamento, e seu declínio se destaca a partir de 2015 (Tabela 2), quando se observa o fechamento de 8 estabelecimentos. Essa dinâmica acompanhou a própria crise econômica que afetou diretamente a indústria da construção civil e as pequenas obras associadas à renda familiar, por se tratar de uma atividade econômica estreitamente relacionada ao crescimento econômico e à geração de renda. A partir de 2016, notamos uma ligeira recuperação, mas não o suficiente para retornar ao mesmo patamar do ano de 2012.

Tabela 2 - Estabelecimentos na indústria de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes

Município	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Campos dos Goytacazes	125	120	129	121	125	117	118	117	119	119
Total	125	120	129	121	125	117	118	117	119	119

Fonte: RAIS, 2020.

Ramos; Alves; Alexandre (2006, p. 28) destacam que a produção das cerâmicas da baixada campista representa em torno de 40% do total da produção de tijolos do estado do Rio de Janeiro, percentual bem superior ao apresentado por Itaboraí, outro município fluminense com produção relevante no estado. Com a produção de mais de 75 milhões de peças por mês e receitas superiores a R\$ 168 milhões, o aglomerado produtivo de cerâmica vermelha de Campos se destaca como segundo maior polo cerâmico do Brasil, com a produção sendo destinada aos mercados dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

O ramo cerâmico campista não se diferencia muito dos demais existentes no município, onde prevalecem as empresas de micro, pequeno e médio porte. A maioria das empresas do segmento cerâmico é denominada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) de microempresa (vendas iguais ou inferiores a 360 mil reais) ou empresa de pequeno porte (vendas iguais ou inferiores a R\$ 4,8 milhões). Ocorre, porém, conforme visto em trabalho de campo, que os empresários desse ramo econômico, em vez de ampliar a escala de produção, se associam na constituição de outras empresas, promovendo a criação de novas sociedades limitadas. Não encontramos, nas entrevistas realizadas, elementos para explicar essa estratégia, que pode ter a ver com os tributos incidentes sobre a atividade econômica.

A indústria de cerâmica vermelha campista gera, atualmente, cerca de 2.000 empregos formais. Contudo, entre os anos de 2012 a 2014, ápice desse ramo econômico, chegou a gerar quase 3.000 empregos, acompanhando o *boom* da construção civil. Isso mostra que, com a crise econômica iniciada em 2015, o setor da construção civil foi fortemente atingido e, conseqüentemente, as indústrias cerâmicas ficaram com pouco mercado para escoar seus produtos. No município de Campos dos Goytacazes, o ramo de cerâmica vermelha perdeu mais de mil postos de trabalho formais a partir de meados dos anos 2010 (tabela 3).

Tabela 3 - Empregos formais na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes (2010-2019)

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Campos dos Goytacazes	2.504	2.742	2.663	2.993	2.942	2.590	2.251	2.188	2.001	1.787
Total	2.504	2.742	2.663	2.993	2.942	2.590	2.251	2.188	2.001	1.787

Fonte: RAIS, 2020

Os dados da RAIS mostram somente os empregos formais, não contemplando as etapas terceirizadas do processo de produção e os trabalhos não formalizados, que são bem significativos na indústria de cerâmica vermelha. Na pesquisa de campo, os empresários entrevistados comentaram que o transporte de insumos (argila, eucalipto) e de produtos finais

não é realizado pelas empresas produtoras de bens cerâmicos, porque eles evitam a fixação de capitais em equipamentos de transportes e os altos custos trabalhistas. Há, portanto, além dos dados sobre empregos formais, outros empregos não formalizados envolvidos, seja na produção direta, seja na etapa de circulação.

A produção de artefatos cerâmicos se mostra muito homogênea no que tange à questão de separação por sexo em sua produção (tabela 4). As mulheres sempre foram minoria e estão relacionadas aos trabalhos mais melindrosos (acabamentos) ou estão nas cozinhas, nos escritórios e na seção de vendas, perfazendo apenas 8% de todos os empregos formais. O restante da produção é todo realizado por homens. Outro ponto relevante é que, em todas as unidades cerâmicas visitadas, não encontramos uma mulher como proprietária ou na posição de chefia. Isso mostra bem os resquícios das estruturas patriarcais das usinas sucroalcooleiras.

Tabela 4 - Empregos formais na indústria de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes, por sexo, entre 2010 e 2018

Valores absolutos										
Sexo	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Masculino	2.337	2.555	2.464	2.781	2.711	2.394	2.063	2.023	1.841	1.640
Feminino	167	187	199	212	231	196	188	165	160	147
Total	2.504	2.742	2.663	2.993	2.942	2.590	2.251	2.188	2.001	1.787

Valores relativos										
Sexo	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Masculino	93%	93%	93%	93%	92%	92%	92%	92%	92%	92%
Feminino	7%	7%	7%	7%	8%	8%	8%	8%	8%	8%
Total	100%									

Fonte: RAIS, 2020.

Os dados a respeito dos empregos formais por faixa etária nos revelam que a presença da maioria dos trabalhadores das cerâmicas se situa entre as faixas de 30 a 64 anos, perfazendo 78% do total. Dentro desse grupo, a faixa de 50 a 64 anos foi a que mais apresentou incremento, com salto de 16% para 27%. A faixa que exibiu maior queda foi a de 18 a 24 anos, com diminuição de 18% para 8%. A faixa de 25 a 29 anos respondeu por 12% e apresentou poucas variações percentuais (tabela 5).

Tabela 5 - Empregos formais na indústria de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes, por faixa etária, entre 2010 e 2019

Valores absolutos										
Faixa	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
15 a 17	2	3	2	2	2	1	0	0	0	0
18 a 24	445	455	427	543	513	371	259	233	190	144
25 a 29	361	385	340	389	418	346	286	266	243	211
30 a 39	691	766	717	792	773	699	643	611	539	453

40 a 49	585	656	675	691	648	569	533	531	485	460
50 a 64	395	448	470	535	549	572	498	517	509	477
65 ou mais	25	29	32	41	39	32	31	29	34	42
{ñclass}	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0
Total	2.504	2.742	2.663	2.993	2.942	2.590	2.251	2.188	2.001	1.787

Faixa	Valores relativos									
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
15 a 17	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
18 a 24	18%	17%	16%	18%	17%	14%	12%	11%	9%	8%
25 a 29	14%	14%	13%	13%	14%	13%	13%	12%	12%	12%
30 a 39	28%	28%	27%	26%	26%	27%	29%	28%	27%	25%
40 a 49	23%	24%	25%	23%	22%	22%	24%	24%	24%	26%
50 a 64	16%	16%	18%	18%	19%	22%	22%	24%	25%	27%
65 ou mais	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	2%	2%
{ñclass}	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: RAIS, 2020.

Vale ressaltar que, do ponto de vista absoluto, entre os anos de 2010 e 2014, a tendência foi de aumento dos empregos formais. Desde então, assistimos a uma queda contínua, tendo em vista que a indústria de cerâmica vermelha mantém estreita relação com a dinâmica da economia, refletindo a crise econômica iniciada a partir de 2015. Nenhuma faixa etária escapou da tendência de queda dos empregos formais, embora as oscilações e quedas nas faixas de 20 a 64 e de 65 ou mais tenham sido bem menos expressivas.

A população campista, no geral, possui baixa escolaridade e está empregada em funções que não exigem muita especialização, trabalhando majoritariamente na construção civil, no setor do vestuário e no comércio e serviços. E, no caso da indústria de cerâmica vermelha, esse cenário não é diferente, na medida em que a grande maioria dos trabalhadores não possui o ensino fundamental completo (tabela 6).

Tabela 6 - Empregos formais na indústria de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes, por escolaridade, entre 2010 e 2019

Escolaridade	Valores absolutos									
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Analfabeto	23	21	14	14	14	14	14	12	11	13
Até 5ª ano incompleto	96	121	94	100	113	111	82	72	74	71
5ª ano completo do fundamental	1.589	1.559	1.395	1.535	1.441	1.192	1.069	1.115	835	636
6ª a 9ª Fundamental	149	158	133	178	236	189	124	108	315	375
Fundamental completo	441	597	656	701	723	702	627	589	489	405
Médio incompleto	40	104	121	161	138	109	82	73	59	55
Médio completo	154	174	238	290	264	264	246	211	212	226
Superior incompleto	5	1	0	2	4	2	1	1	0	0
Superior completo	7	7	11	11	9	7	6	7	6	6
Total	2.504	2.742	2.663	2.993	2.942	2.590	2.251	2.188	2.001	1.787

	Valores relativos									
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Analfabeto	1%	1%	1%	0%	0%	1%	1%	1%	1%	1%
Até 5ª ano incompleto	4%	4%	4%	3%	4%	4%	4%	3%	4%	4%
5ª ano completo do fundamental	63%	57%	52%	51%	49%	46%	47%	51%	42%	36%
6ª a 9ª Fundamental	6%	6%	5%	6%	8%	7%	6%	5%	16%	21%
Fundamental completo	18%	22%	25%	23%	25%	27%	28%	27%	24%	23%
Médio incompleto	2%	4%	5%	5%	5%	4%	4%	3%	3%	3%
Médio completo	6%	6%	9%	10%	9%	10%	11%	10%	11%	13%
Superior incompleto	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Superior completo	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: RAIS, 2020.

A baixa escolaridade e as atividades específicas da indústria cerâmica se refletem na baixa remuneração dos trabalhadores, que majoritariamente recebem de 1,01 a 1,50 salário-mínimo. Os que recebem acima disso são gerentes ou trabalhadores inseridos nos escritórios, atividades que exigem maior escolaridade e qualificação (tabela 7).

Tabela 7 - Empregos formais na indústria de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes, por faixa de remuneração média, entre 2010 e 2019

Faixa de remuneração	Valores absolutos									
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Até 0,50	0	1	1	1	1	2	2	2	1	2
0,51 a 1,00	423	421	203	157	109	57	46	37	48	32
1,01 a 1,50	1.463	1.571	1.687	1.927	1.900	1.633	1.439	1.368	1.244	1.137
1,51 a 2,00	478	596	596	618	450	506	420	436	382	327
2,01 a 3,00	66	83	93	180	363	269	218	224	202	132
3,01 a 4,00	3	3	7	26	32	25	18	11	14	1
4,01 a 5,00	0	0	1	0	0	1	1	0	1	1
5,01 a 7,00	1	2	3	3	4	2	2	3	2	2
7,01 a 10,00	0	1	1	0	1	0	1	1	0	1
10,01 a 15,00	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0
{ñclass}	70	64	71	81	82	94	104	106	105	152
Total	2.504	2.742	2.663	2.993	2.942	2.590	2.251	2.188	2.001	1.787

Faixa de remuneração	Valores relativos									
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Até 0,50	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
0,51 a 1,00	17%	15%	8%	5%	4%	2%	2%	2%	2%	2%
1,01 a 1,50	58%	57%	63%	64%	65%	63%	64%	63%	62%	64%
1,51 a 2,00	19%	22%	22%	21%	15%	20%	19%	20%	19%	18%
2,01 a 3,00	3%	3%	3%	6%	12%	10%	10%	10%	10%	7%
3,01 a 4,00	0%	0%	0%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	0%
4,01 a 5,00	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
5,01 a 7,00	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
7,01 a 10,00	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
10,01 a 15,00	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
{ñclass}	3%	2%	3%	3%	3%	4%	5%	5%	5%	9%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: RAIS, 2020.

O processo produtivo da cerâmica vermelha inicia-se com a extração da argila nas jazidas pertencentes ao próprio proprietário do estabelecimento cerâmico ou em terras arrendadas. Esse insumo é transportado até a cerâmica por um caminhão caçamba geralmente de caminhoneiros subcontratados localmente. Em seguida, na planta cerâmica, a argila é destorroada (quebrada) em partes menores para facilitar a produção. Na sequência, ocorre o processo de mistura da argila com água. Essa mistura é levada para uma máquina chamada maromba, etapa em que é moldada para ser em seguida cortada. Após o corte, o produto segue para secagem para retirar o excesso de água da produção e, por último, as peças são queimadas. Depois da queima as peças são estocadas ou transportadas para venda.

Os aspectos relacionados aos “fatores locacionais” que influenciam a implantação de uma indústria em determinada área geográfica e seus desdobramentos na reprodução e transformação de regiões geo-econômicas específicas são de extrema importância para compreender a dinâmica territorial das empresas. Nas últimas décadas do século XX, como vimos anteriormente, a competitividade deixa de estar fundamentada somente nos fatores de produção e passa a tratar das externalidades, especialmente de aspectos presentes em determinados territórios.

A indústria de cerâmica vermelha apresenta um circuito espacial produtivo menos complexo que aqueles apresentados pelas indústrias mais dinâmicas. Segundo Santos (1988, p. 17), “circuitos espaciais de produção seriam as diversas etapas pelas quais passaria um produto, desde o começo do processo de produção até chegar ao consumo final”. Para Moraes (1995, p. 24), “os circuitos espaciais da produção constituem em sua trama o que pode ser rigidamente definido como espaço produtivo. Em outras palavras, este é, em si, a malha dos circuitos. As relações aí estabelecidas são em e entre escalas diferenciadas”.

A análise dos circuitos espaciais de produção atrela-se à questão do território e ao seu uso, aos movimentos e ligações, à divisão territorial do trabalho e à forma pela qual se estabelecem relações com agentes hegemônicos e não hegemônicos. O circuito espacial produtivo da indústria de cerâmica vermelha (figura 3) tem como principais mercados a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a Região dos Lagos e o Estado do Espírito Santo, apenas 5% da produção são destinados ao mercado de Campos dos Goytacazes.

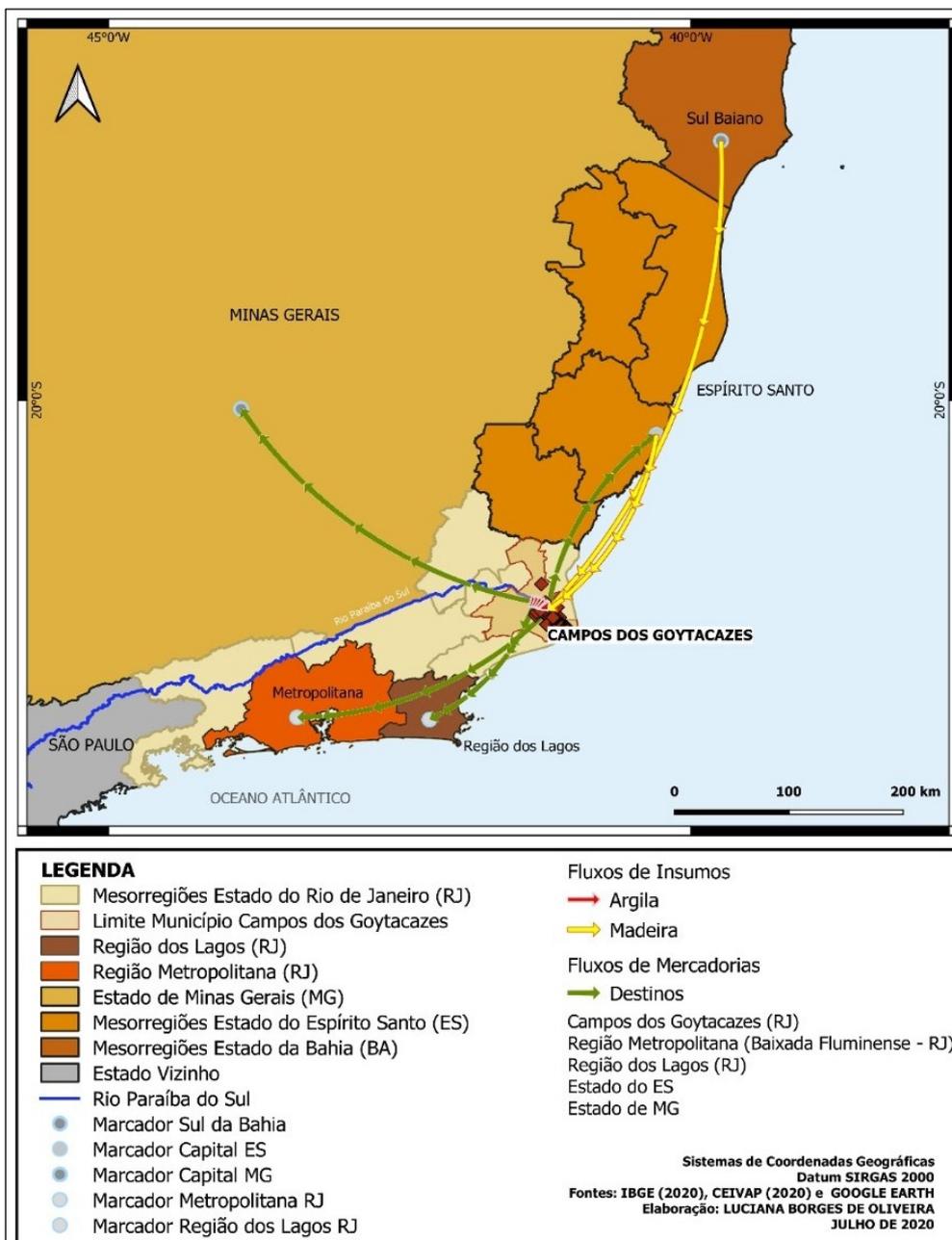


Figura 3 – Circuitos espaciais da produção de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes
 Fonte: Trabalho de campo, 2020.

Os trabalhadores residem próximo ao local de trabalho, em bairros e localidades na baixada campista. Os insumos mais utilizados são a argila e a lenha, a primeira é extraída nas proximidades das cerâmicas, na localidade de Poço Gordo, e a segunda vem do Espírito Santo e um pouco do Sul da Bahia. A circulação da produção é feita, em sua maioria, por fretes terceirizados, na medida em que grande parte dos ceramistas não possui sua própria frota de caminhões. O circuito espacial da produção de cerâmica engloba estados do sudeste e nordeste (sul da Bahia), com a produção altamente concentrada, acompanhando a argila e a mão de obra, e a distribuição da produção é intermunicipal e interestadual. Essa conformação

do circuito espacial produtivo tem a ver com as características dessa indústria, com baixa tecnologia, pouca diferenciação dos produtos, produtos de baixo valor agregado, ausência de barreiras à entrada de outras empresas, entre outros.

Essas informações sobre os circuitos espaciais produtivos foram obtidas graças ao uso da amostragem não probabilística, por meio do uso da amostragem em bola de neve. Iniciamos a aplicação das entrevistas semiestruturadas junto aos estabelecimentos cerâmicos, inicialmente, via presidente do sindicato dos ceramistas e, em seguida, buscamos realizar esse procedimento com outros proprietários a partir das indicações de cada entrevistado, pois se trata de um grupo de empresários avesso a dar informações. A partir do trabalho de campo nos estabelecimentos industriais foi possível observar, ainda, que as estratégias empresariais se restringem à produção pura e simples de peças cerâmicas, com poucas iniciativas no processo de produção e na diferenciação dos produtos.

A competitividade e a permanência dessa atividade econômica na estrutura produtiva de Campos, constituindo-se na principal atividade industrial, se baseiam no intenso uso de matérias primas amplamente disponíveis (argila, principalmente) e na oferta de trabalho com pouca qualificação e baixa remuneração. Não observamos uma governança territorial que se expresse em iniciativas e ações entre os agentes e instituições locais, posto que muitos empresários são avessos a novos investimentos e inovação e faltam iniciativas de cooperação e articulação com instituições e organizações (Universidades, Sebrae etc.).

Considerações finais

O processo de globalização da econômica ocasionou, a partir das últimas décadas do século XX, uma reorganização das forças produtivas. A expansão de novas formas flexíveis de organização da produção apontou para a mudança do modelo de desenvolvimento fordista, trazendo consequências importantes no âmbito econômico, social, organizacional e tecnológico. Os espaços industriais emergentes passaram a ser caracterizados por produção em menor escala, relações mais flexíveis, redes de cooperação, competição, articulação com entidades públicas e privadas, entre outros.

Este texto partiu desse contexto de mudanças nas espacialidades industriais, tendo como recorte analítico a aglomeração produtiva de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes. A formação sócio-econômica desse município teve estreita relação com a cultura de cana de açúcar que, entre os séculos XVII e meados do século XX, foi a principal atividade econômica no Norte Fluminense. A indústria de cerâmica vermelha, embora já existente, se expandiu e se tornou o principal ramo econômico na estrutura produtiva local no bojo da crise

do setor sucroalcooleiro. Ocorreu, assim, uma “metamorfose” de parte da elite econmica açucareira, que deslocou seus investimentos do cultivo da cana, realizado sobre a superfície da terra, para a explorao e beneficiamento da argila nas profundezas de suas terras.

Atualmente, a indústria de cerâmica vermelha representa parcela importante dos estabelecimentos e dos empregos formais da indústria de transformao em Campos. Trata-se da principal atividade econmica da indústria de transformao no município,  frente da indústria de alimentos e de móveis. Não obstante sua importância, por ser uma indústria que reflete a dinâmica econmica geral e a gerao de renda, vem sofrendo uma conjuntura adversa desde meados dos anos 2010, por conta da crise econmica nacional, levando a uma perda de mais de mil empregos formais nessa atividade. Grande parte dos trabalhadores recebe até 1,5 salário-mínimo e tem até o ensino fundamental completo, revelando que a atividade se baseia em um volume considerável de empregos mal remunerados e de baixa escolaridade e qualificao.

A indústria de cerâmica vermelha  marcada pela prevalência de capitais locais no controle dos estabelecimentos e os mercados consumidores dos produtos estão localizados em outras regiões, ou seja, a produo não tem como destino o mercado local. A mão de obra  natural do próprio município, residindo nas localidades do distrito de Goytacaz. Quanto aos insumos como madeira, carvão e argila, os dois primeiros vem de outras regiões e o último da própria baixada campista. Essa configurao tem a ver com as particularidades dessa indústria (baixa tecnologia, variedade baixa de produtos, ausência de barreiras  entrada de outras empresas, entre outros). Trata-se, portanto, de um circuito de produo regional e altamente concentrado.

A indústria ceramista campista  marcada por baixa atividade inovativa, haja vista que grande parte das iniciativas  destinada  produo pura e simples de produtos cerâmicos, havendo pouca ou nenhuma ao voltada ao processo de produo e de diferenciao dos produtos. A competitividade dessa atividade na estrutura produtiva em Campos se baseia no intenso uso de matérias primas amplamente disponíveis e na oferta abundante de trabalho com pouca qualificao e baixa remunerao. Grande parte dos estabelecimentos se situa na baixada campista, próximo ao distrito de Goytacazes, às margens da rodovia RJ-216 e próximo às jazidas de argila, onde fazem uso das facilidades de circulao e acessam a abundante oferta de mão de obra e matéria-prima.

Essa competitividade assentada nos fatores de produo, especialmente no trabalho abundante e barato e na ampla disponibilidade de matérias primas, se reflete na baixa governança territorial da aglomerao produtiva. Diferentemente das novas especialidades

industriais que emergem no bojo da reestruturação produtiva nos países desenvolvidos, onde a competitividade tem a ver com a inovação em processos e produtos e com a maior inter-relação entre empresas-empresas e empresas-instituições (públicas e privadas), na aglomeração produtiva de cerâmica vermelha em Campos, notamos a baixa interação e articulação das empresas com atuação no ramo, além de frágeis conexões com instituições (Sebrae, universidades, Firjan etc.).

Referências Bibliográficas

AZEVEDO FILHO, E. T.; RIBEIRO, A. C. A governança em aglomerações produtivas: uma análise sobre o setor cerâmico de Campos dos Goytacazes. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 7, p. 97-129, 2011.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. 1ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

BENKO, G.; LIPIETZ, A. **As Regiões Ganhadoras**: distritos e redes os novos paradigmas da geografia e económica. 1 ed. Oeiras: Celta Editora, 1994.

BENKO, G.; PECQUEUR, B. Os recursos de territórios e os territórios de recursos. **Geosul**, v.16, n.32, p 31-50, jul./dez. 2001.

BERNARDES, J. A. Reescrevendo a história do Norte Fluminense sucroalcooleiro no contexto da última modernidade. In. BERNARDES, J. A.; SILVA, C. A. (Org.). **Modernização e território**: entre o passado e o presente do Norte Fluminense. 1 ed. Rio de Janeiro, Lamparina/CAPES, 2014, p. 12-22.

CARAVACA, I. Los nuevos espacios ganadores y emergentes. **Revista Eure**, Santiago de Chile, v. XXIV, n. 73, p. 5-30, Dez. 1998.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

FUINI, L. L. Os arranjos produtivos locais (APLs): uma breve explanação sobre o tema. **Geotextos**, v. 9, n. 2, Dez. 2013.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2006.

HERNANDEZ, J. L. S. **El eje Irún-Aveiro**: Geografía de un eje de desarrollo. Salamanca: Caja Duero, 1998.

LAMEGO, A. R. **O homem e o brejo**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1945.

LASTRES, H.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M. M. **Pequena empresa**: cooperação e desenvolvimento local. 1 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

MARTIN, R. Teoria econômica e geografia humana. In. GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, Graham. **Geografia humana**. Sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 31-64.

MORAES, A. C. R. **Os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação no espaço**. 1995, p. 1-32. Mimeo.

OLIVEIRA, A. C. C. R. **Economias de aglomeração e circuitos espaciais produtivos da indústria de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes-RJ**. 2020. 68 f. (Monografia em Geografia), Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2009.

OSCAR, J. **Escravidão & Engenhos**: Campos, São João da Barra, Macaé, São Fidelis: Rio de Janeiro: Achiem, 1985. 260 p.

PITHON, A. J. C.; BROCHADO, M. R.; BARBOSA, C. M. Rede de empresas: proposta de modelo organizacional do setor de Cerâmica vermelha de Campos dos Goytacazes. In. Simpósio de Engenharia de Produo, 13, 2006, Bauru. **Anais...** Bauru: UNESP, 2006.

PORTER, M. E. Cluster e competitividade. **H S M Management**, São Paulo, vol.3, n. 15, p.100-110, Jul./Ago. 1999.

PREFEITURA Municipal de Campos dos Goytacazes [et. al.]. **Campos dos Goytacazes: perfil 2018**. Campos dos Goytacazes, RJ, 2018. Disponível em:<<https://www.campos.rj.gov.br/newdocs/1542233062PERFILCAMPOS2018.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

RAMOS, I. S., ALVES, M. G., ALEXANDRE, J. **Diagnóstico do Polo Cerâmico de Campos dos Goytacazes – RJ**. Cerâmica Industrial, 11 (1) jan. – Fev. 2006. Disponível em: <<http://s3.amazonaws.com/host-article-assets/ci/587657277f8c9d6e028b46ea/fulltext.pdf>> Acesso em: 22 set. 2019.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **Por uma outra globalizao**: do pensamento único  consciência universal. São Paulo: Record, 2008.

SILVA, R. C. R. S.; CARVALHO, A. M. Formao econmica da Região Norte Fluminense. In. PESSANHA, R. M.; SILVA NETO, R. (Org.). **Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense**: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo. Campos dos Goytacazes, RJ: WTC Editora, 2004, p. 27-75.

SMIDERLE, D. A. V. **O multiforme desafio do setor sucroalcooleiro de Campos Dos Goytacazes (RJ)**. 2009.107 f. Dissertao (Mestrado em Políticas Sociais), Centro de Ciências do Homem (CCH), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Campos dos Goytacazes, 2009.

SOUZA, S. D. C.; ELER, D. C.; ARICA, J. Um estudo sobre o impacto da mudança tecnológica no pólo de cerâmica vermelha do Norte Fluminense. In. Encontro Nacional de Engenharia de Produo, 23, 2003, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: UFOP, 2003.